

---

# Um monumento votivo a Arância e Arâncio, proveniente de Castelejo (concelho do Fundão)<sup>1</sup>

PEDRO SALVADO\*  
JOÃO MENDES ROSA\*  
AMÍLCAR GUERRA\*\*

**R E S U M O** Dá-se a conhecer uma nova epígrafe votiva em que o par divino *Arantia et Arantius* aparece qualificado como *Eburobricus*. O achado corresponde, pois, a uma interessante novidade no panorama da linguística hispânica. O epíteto, registado na sua forma plural, *Eburobricis*, constitui o aspecto mais relevante é, correspondente a adjectivo formado sobre um nome de lugar, neste caso *\*Eburobris*, cuja interpretação é relativamente pacífica. Apontam-se alguns elementos onomásticos relacionados com o topónimo, em especial o elemento teonímico *Eberobrigae*, originário de um contexto cultural bastante próximo.

**A B S T R A C T** Is given to know it a new votive inscription where the divine couple *Arantia et Arantius* appears qualified as *Eburobricus*. The finding corresponds, therefore, to an interesting novelty in the panorama of the Hispanic linguistics. The epithet, registered in its plural form, *Eburobricis*, constitutes the most relevant aspect, corresponding to an adjective formed on a place name, in this case *\*Eburobris*, whose interpretation is relatively pacific. Some related onomastic elements with place name are pointed, in special the god name element *Eberobrigae*, belonging of a near cultural context.

O conjunto de testemunhos epigráficos romanos oriundos de diversos pontos do actual concelho do Fundão constitui uma significativa referência da História regional e da Arqueologia portuguesa (Hübner, 1871, p. 63; Vaz, 1977, p. 5, 29).

O interesse pela epigrafia existente na Cova da Beira iniciou-se em 1527 quando o italiano Mariangelo Accursio anotou e descreveu algumas inscrições da Capinha (Carvalho e Encarnação, 1994, p. 43; Ramos, 1999). Noutro contexto histórico e cultural, Manuel Pereira da Sylva Leal, ao serviço da Academia Real da História, percorreria o território do Bispado da Guarda, com o objectivo de «pessoalmente examinar as antiguidades» que aí pudessem existir. E, ao descrever uma ara de Idanha-a-Velha, o sítio genético da diocese egitaniense, acrescenta ser esta uma peça «em tudo

semelhante à outra que achei em o lugar da Capinha, termo da Covilhã, e Comarca da Guarda, (...) em que falta o nome da divindade a que foy consagrada, e a muitas mais, que por estas partes continuamente aparecem, especialmente em hum campo visinho ao dito lugar, em que quotidianamente os Lavradores estão descobrindo fragmentos de Inscriptões Romanas, e pedaços de edificios antigos, de que vi, e copiey muitos» (Leal, 1729, p. 19). Desta forma se caracterizou pela primeira vez a riqueza epigráfica da região, a qual, na realidade, só mais tarde se tornaria evidente.

A partir de finais do século XIX, o estudo da epigrafia romana concelhia viria a ser intensificado e difundido nos circuitos científicos de então, tendência corporizada através das contribuições de Emil Hübner, Pinho Leal, Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Tavares Proença Júnior e Paiva Pessoa. Um novo incremento é dado na segunda metade do século XX, especialmente através dos trabalhos de Scarlat Lambrino, Fernando de Almeida, Alves Monteiro, José d'Encarnação, J. Inês Vaz, José Manuel Garcia, Jorge de Alarcão, Candeias da Silva e Patrício Curado, que continuaram, em distintos contextos, a decodificar este importante conjunto documental.

Formalmente diversificada, a colecção epigráfica romana concelhia, na imutabilidade dos seus suportes, é plural quanto às suas mensagens. São vestígios que, ajudam a entender o longo fio temporal de que se teceu o processo de aculturação que envolveu indígenas e romanos. São ecos do quotidiano que quebram o silêncio da geologia e nos falam das divisões administrativas, das antigas das migrações, dos caminhos do Império, das atitudes face à morte, das subtis afirmações onomásticas, dos processos de mobilidade social e, principalmente, da perduração de uma enraizada 'identidade local', reafirmada especialmente através da persistência da teonímia indígena (Monteiro, 1978; Vaz, 1977, p. 6-11).



Fig. 1 A ara do Castelejo, Fundão (CB).

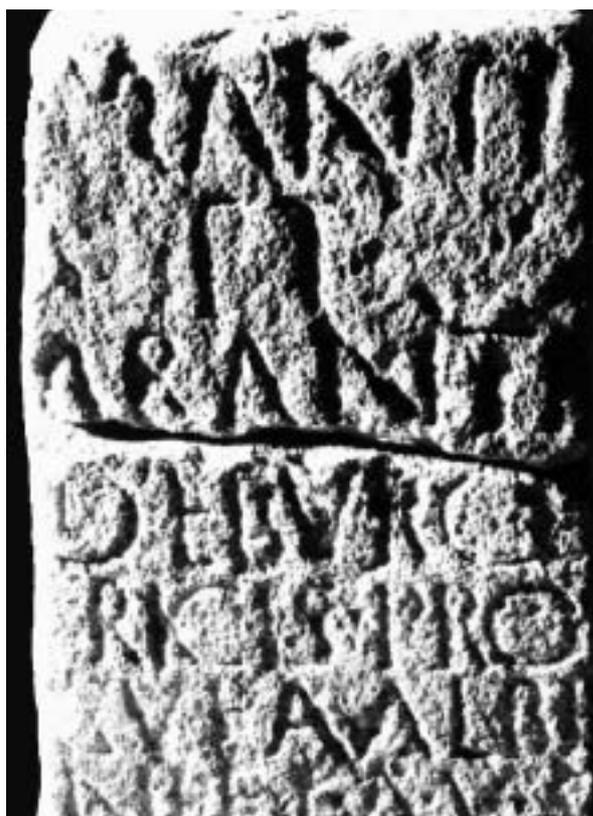


Fig. 2 Pormenor correspondente ao campo epigráfico.

A inscrição que justifica estas linhas assumiu como suporte uma ara, em granito de grão fino, da qual se conserva o fuste e a base moldurada. Encontra-se actualmente (13/11/2003) na aldeia do Castelejo, sede de freguesia do concelho do Fundão, resguardada na casa de um particular. Segundo informação do proprietário o monumento surgiu já fracturado em dois elementos quando da destruição do aparelho de uma parede da propriedade anexa à habitação em que se conserva actualmente a epígrafe.

Apesar de faltar a parte superior do monumento, correspondente à moldura e capitel, o texto da epígrafe deve considerar-se completo. A ara apresenta, como se disse, uma fractura, situada entre a terceira e quarta linhas, mas essa circunstância não afectou a leitura. É possível que esta particularidade tenha sido consequência de uma reutilização da peça, provavelmente também responsável pela destruição do capitel e pelo polimento determinadas zonas do campo epigráfico que atingiram em especial algumas letras da linha 1 e do início da linha 2. O vértice esquerdo da base também foi atingido, afectando apenas parte da moldura inferior e a base do monumento.

Dimensões, em cm:  
total – 56 x 36 x 32  
fuste – 39 x 26 x 23  
base – 17 x 36 x 32  
campo epigráfico: 39 x 26

Altura das letras: l. 1: 4, 7 ; l. 2: 4,7 ; l.3: 4,3; l.4: 4,3; l.5: 3,8; l.6: 3,5; l.7: 3,5.

Espaços: 1: 0,9; 2:1,7; 3:1,8; 4:2; 5:1; 6:1,1; 7:1; 8:1,1.

**[A]ranti/æ et / Aranti/o Eburo/[b]ricis Pro/cula Albi/ni f(ilia) · l(ibens) · a(nimo) · u(otum) · s(oluit)**

*Prócula, filha de Albino, cumpriu de boa vontade a promessa a Arância e Arâncio Eburóbrigos.*

O texto desenvolve-se por sete linhas, nas quais é manifesta uma *ordinatio* que prefere um alinhamento à esquerda, como é notório na linha 2. As letras não apresentam uma gravação profunda, ao contrário do que é comum nesta região de suportes graníticos. Parece, de qualquer modo, perceptível alguma diferença entre as primeiras linhas, onde se identificam as divindades, e as últimas, nas quais o traçado dos signos é mais leve. Nas condições actuais de observação, a qualidade do trabalho de lapicida parece mediano, revelando por vezes alguma qualidade técnica, aspecto que parece evidenciar-se, por exemplo, no traçado regular dos OO, onde poderia entrever-se o uso de compasso.

Salientam-se algumas particularidades paleográficas: Os AA, geralmente, não apresentam travessão; os RR não são fechados e, à sua semelhança, também a dupla curvatura dos BB não atinge a haste vertical.

Atesta-se, mais uma vez, este par divino, cuja dispersão constitui uma das mais evidentes demonstrações das afinidades culturais entre as populações que em período romano ocupavam o território que corresponde hoje genericamente à região da Beira Baixa e à área confinante da província de Cáceres (v. Fig. 3). De facto, a distribuição destes nomes de divindade circunscreve-se à zona centro interior portuguesa, registando-se ocorrências em Zebras, Fundão (Garcia, 1991, p. 287, n.º 16), Ferro, Covilhã (Garcia, 1991, p. 285, n.º 11), Rosmaninhal (Garcia, 1991, p. 286,



Fig. 3 Mapa da distribuição dos téonimos *Arentius* / *Arentia* e suas variantes. Legenda: 1 - Castelejo, Fundão (CB): *[A]rantiae et Arantio Ebuobricis*; 2 - Ferro, Covilhã (CB): *Arant[i]a Ocela[e]ca et Arantio [O]celaeo*; 3 - Ninho do Açor, Castelo Branco (CB): *Arentiae et Arentio*; 4 - Zebras, Fundão (CB): *Arentio \*Cronisensi*; 5 - Monsanto, Idanha-a-Nova (CB): *Arentio*; 6 - Sabugal (GD): *Arentiae Equotullaicensi*; 7 - Moraleja (CC): *Arentio*; 8 - Arroyo Tumbón, Cória (CC): a. *Arentiae Arentio Amrunaeo*; b. *Arentiae Arentio Am[r]unaeco*; 9 - Rosmaninhal, Idanha-a-Nova (CB): *Arantio Tanginiciaeco*.

n.º 12) e Monsanto, Idanha-a-Nova (Garcia, 1991, p. 286, n.º 15), Ninho do Açor, Castelo Branco (Encarnação, 1975, p. 97-108; Garcia, 1991, p. 286, n.º 13) e Sabugal (Curado, 1984, FE 27), tendo o seu espaço cultural ultrapassado o actual limite político das duas nações ibéricas: o rio Erges. A norte da vizinha província de Cáceres, *Arentius* foi cultuado em Moraleja (Melena, 1985, p. 496) e junto a Cória recolheram-se duas aras, ambas dedicadas ao par divino e ostentando o epíteto de *Amrunaeus/-a* (Sánchez Albalá e Vinagre Nevado, 1998, p. 11-14, nn. 1-2).

Quanto à sua natureza, pouco se poderá dizer a respeito deste par divino, uma vez que a epigrafia não aporta qualquer elemento significativo para o esclarecimento desta questão. Por esse motivo, não se compreende que argumentos levam Alarcão (2001, p. 304) a considerar divindades guerreiras estas entidades que assume como próprias do complexo religioso dos *Lusitani* (Alarcão, 2001, p. 300-305).

As formas registadas nas inscrições atestam a alternância da vogal intermédia, documentando-se *Arantius/Arentius* e *Arantia/Arentia*, sendo que a primeira delas, mais rara, se atesta aqui pela terceira vez.

A onomástica deste monumento encontra-se já identificada na região. *Proculus/-a*, nome latino muito comum em toda a Hispânia, onde a dupla onomástica é a sétima mais frequente (Abascal, 1994, p. 470-472 inventaria 148 ocorrências), regista-se abundantemente na Lusitânia, em especial nas zonas mais profundamente romanizadas de Mérida e *Olisipo* (Abascal, 1994, p. 470-472).

No que diz respeito a esta área, a sua versão feminina atesta-se pontualmente, em Belmonte (Garcia, 1984, p. 93, n.º 23) e Idanha-a-Velha (Almeida, 1956, p. 203).

*Albinus*, um nome para o qual se chegou a propor, numa circunstância particular, uma origem étnica de ascendência itálica (Hernández Guerra, 2001, p. 81), foi assumido por estratos indígenas especialmente da zona de fronteira a que se aludiu (Cfr. Abascal, 1994, p. 264-265). Está documentado no concelho do Fundão numa ara dedicada a *Arentius Cronisensis* proveniente da freguesia das Zebras (Encarnação, 1993-1994, p. 299) e na Idanha-a-Velha (Almeida, 1956, p. 159, n. 116).

O epíteto *Eburobricis* apresenta-se, contra o que é habitual nas dedicatórias a este par divino, na sua forma plural, concordando, portanto, com os dois teónimos. Neste adjectivo pode facilmente reconhecer-se mais um nome de formação idêntica a um conjunto onomástico significativo, onde dominam precisamente os derivados teonímicos como *Caeilobricoi*, *Meobricoe*, *Langobricu*, *Verubrico*, *Veigebraeago*, *Tameobrigo* (Untermann, 1988, p. 132; Villar, 1995, p. 156). O mais surpreendente, todavia, é corresponder ao que deve provavelmente ser igualmente um epíteto registado, na sua forma feminina (sobre esta e outras possibilidades interpretativas v. Villar, 1995, p. 156, n. 20; Búa, s/d, p. 153; Guerra, 2002, p. 151), na bem conhecida epígrafe de Talaván, CC (AE 1916, 8) dedicada a *Munidi Eberobrigae Toudopalandaigae*. As diferenças formais residem essencialmente na alternância *e/o* registada no primeiro elemento dessa formação e no facto de neste caso se atestar a oclusiva sonora no segundo elemento. De resto, é fácil reconhecer um derivado de um NL *\*Eburobris*, composto em que se identifica o primeiro elemento *\*eburo* “teixo”, também representado em NNL ocidentais como *Ebora* e *Eburobritium* (Tovar, 1976, p. 263; Guerra, 1995, p. 84; Búa, s/d, p. 54); e o conhecido formante de topónimos *\*brig-* “elevação, castro”. O primeiro elemento encontra-se igualmente atestado na onomástica pessoal, em antropónimos como *Eburus/-a* (3 dos 5 exemplos hispânicos nesta região, Cfr. Abascal, 1994, p. 349), *Ebureinius/Eburenus* e *Eburianus* (Albertos, 1966, p. 111).

A inscrição poderá indiciar a existência na área da actual freguesia de um povoado, realidade já pressentida por João de Almeida (1945), cujo nome seria, portanto, *\*Eburobris* ou *\*Eburobriga*, na sua versão latina. Abrem-se, assim, novas perspectivas da reconstrução da paisagem indígena desta região da Beira durante a proto-história na continuação de trabalhos que se encontram a ser desenvolvidos por Raquel Vilaça (Vilaça et al., 2000).

Estamos perante mais um elemento que contribuirá decerto para o desenvolvimento de uma coordenada de trabalho já há tempos preconizada por José d'Encarnação, «o estabelecimento de uma geografia religiosa» em que se equacionem «as divindades com os estratos étnicos ou com os *populi*» (Encarnação, 1990, p. 444). Esta linha de investigação, recentemente aplicada por Jorge de Alarcão (2001) a toda esta área, permitirá certamente pôr em evidência o rico repertório epigráfico do actual território do concelho do Fundão, em especial no domínio da onomástica pessoal e do estudo da religiosidade da Hispânia romana.

## NOTAS

\* Gabinete do Património Histórico e Arqueológico  
Câmara Municipal do Fundão.

\*\* Professor do Departamento de História da FLL  
Investigador da UNIARQ  
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

<sup>1</sup> A 'descoberta' desta epígrafe ficou a dever-se ao fotógrafo Diamantino Gonçalves. Esta nota não teria sido possível sem o apoio do senhor Eng. Patrício Curado. O monumento dará brevemente entrada no Museu. Ao longo do artigo utilizar-se-ão as seguintes abreviaturas correspondentes aos distritos portugueses ou províncias espanholas: CB – Castelo Branco; CC – Cáceres; GD – Guarda.

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALARCÃO, J. (2001) - Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 293-349.
- ALBERTOS, M. L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: CSIC.
- ALMEIDA, F. de (1956) - *Egitânia. História e Arqueologia*. Lisboa.
- ALMEIDA, J. de (1945) - *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Lisboa: Autor.
- BÚA CARBALLO, J. C. (s/d) - *Estudio lingüístico de la teonimia lusitano-galaica*. Tesis Doctoral, Universidad de Salamanca.
- CARVALHO, R.; ENCARNANÇA, J. d' (1994) - Inscrição rupestre romana procedente de Capinha. *Trebaruna*. Castelo Branco. 3, p. 43-53.
- CURADO, F. P. (1984) - Monumento votivo a Arentia, de Sabugal (*conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. n.º 27.
- ENCARNANÇA, J. d' (1975) - *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- ENCARNANÇA, J. d' (1990) - A religião. In SERRÃO, J.; MARQUES, A. H. O. dir.. *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. Vol. 1, p. 442-461.
- ENCARNANÇA, J. d' (1993-1994) - Monumentos epigráficos romanos no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz). *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 298-299.
- GARCIA, J. M. (1984) - *Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.
- GARCIA, J. M. (1991) - *Religiões antigas de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- GUERRA, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- GUERRA, A. (2002) - *Omnibus numinibus et Lapitearum*: algumas reflexões sobre a nomenclatura teonímica do Ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 147-159.
- HERNÁNDEZ GUERRA, L. (2001) - *Epigrafia de época romana de la provincia de Salamanca*. Valladolid: Universidad.
- HÜBNER, E. (1871) - *Noticias archeológicas de Portugal*. Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.
- LEAL, A. P. S. (1729) - *Memórias para a Historia Ecclesiastica do Bispado da Guarda. Tomo 1*. Lisboa.
- MELENA, J. L. (1985) - Salama, Jálama y la epigrafia del antiguo corregimiento. *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario oblatae. Pars prior*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 475-530.
- MONTEIRO, J. (1978) - *Pequena história de um museu. Fundo e catálogo. Carta arqueológica do concelho do Fundão*. Lisboa: União Gráfica.
- RAMOS, S. C. (1999) - *Memórias da Capinha (Uma aldeia do concelho do Fundão)*. Lisboa.
- SÁNCHEZ ALBALÁ, J. I.; VINAGRE NEVADO, D. (1988) - *Corpus de inscripciones latinas de Coria*. Coria: Ayuntamiento.
- UNTERMANN, J. (1988) - Zur Morphologie der lusitanischen Götternamen. In *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*. Tübingen: Niemeyer, p. 123-138.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1895) - Cultos luso-romanos em Igeditania – Duas inscrições inéditas. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 225-232.
- VAZ, J. L. (1977) - Inscrições romanas do museu do Fundão. *Conimbriga*. Coimbra. 16, p. 5-31.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A.; PORFÍRIO, E.; MARQUES, J.; CORREIA, M.; CANAS, N. (2000) - O povoamento do I milénio a.C. na área do concelho do Fundão: pistas de aproximação ao seu conhecimento. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8, p. 187-219.
- VILLAR, F. (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.